



CONSTELAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NOS ESTUDOS E PESQUISAS NA DEFESA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS: AS CONTRIBUIÇÕES DE ANA BEATRIZ CERISARA NA TRAJETÓRIA DO NUPEIN

Theoretical-Methodological constellations in studies and researches in the defense of children's rights: the contributions of Ana Beatriz Cerisara in the Nupein

Adilson **DE ANGELO**

Departamento de Pedagogia - FAED
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Florianópolis, Brasil

adilsondeangelo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

Mais informações da obra no final do artigo●

RESUMO

Esse texto apresenta parte da trajetória da pesquisadora Ana Beatriz Cerisara junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisa da Educação na Pequena Infância da Universidade Federal de Santa Catarina –NUPEIN-UFSC. Inicialmente, fazemos alusão à história do NUPEIN, na comemoração dos seus 30 anos de atividades na defesa da educação das crianças pequenas, reconhecendo-as como sujeitos históricos de direitos e de desejos. Passamos a apresentar trabalhos que estiveram sob orientação da Professora Cerisara, destacando a forma como as pesquisas privilegiaram o olhar para as crianças, no sentido de ouvi-las e compreendê-las. O texto finaliza destacando as questões apresentadas na obra dessa pesquisadora e que continuam a nos mobilizar na defesa de Educação Infantil e dos direitos das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil. Pesquisas com crianças. Criança. Infância.

ABSTRACT

This text presents part of the work developed by the researcher Ana Beatriz Cerisara at the Center for Studies and Research in Early Childhood Education at the Federal University of Santa Catarina - NUPEIN-UFSC. Initially, we allude to the history of NUPEIN, to commemorate its 30 years of activities in defense of the education of young children, recognizing the children as historical subjects of rights and desires. Afterwards, we present some works that were supervised by Professor Cerisara, highlighting the way in which researches privileged looking at children, in the sense of listening to and understanding them. This text ends by highlighting the issues presented in the work of this researcher and which continue to mobilize us in the defense of Early Childhood Education and the rights of children.

KEYWORDS: Early childhood education. Research with children. Child. Childhood.

INTRODUÇÃO

Imagem 1: Canoeiro – s/d



"Ninguém chega a parte alguma só (...) Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afagada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco." (Paulo Freire, *Pedagogia da Esperança*).

Fonte: Acervo pessoal de Adilson de Angelo

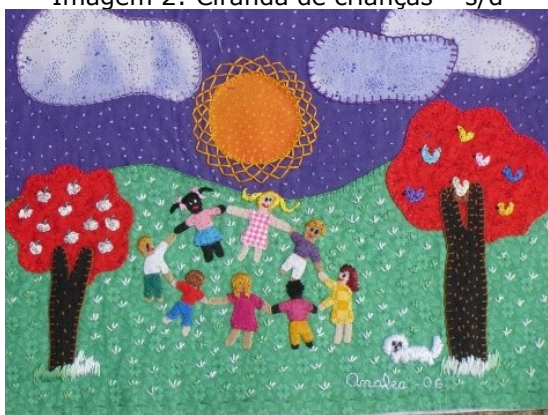
Ao evocar como epígrafe as reflexões tecidas pelo professor Paulo Freire para a apresentação do presente texto, penso ser importante dizer que o este se revestirá de algumas especificidades, tornando-o, quem sabe, diferente de outros escritos que comporão o presente dossiê. Por um lado, há um notado esforço para que o texto não se apresente como uma mera homenagem a alguém que tenha passado por um espaço e um tempo contribuindo com a história ali construída. Por outro, se busca reconhecer a importância de se dizer das pessoas que conosco compuseram (e de certa forma ainda continuam a compor) as tessituras de nossas tramas humanas e existenciais, enquanto nossas canoas seguem o curso do rio da história.

Penso que também é importante assinalar que esse texto é escrito no momento em que a humanidade está sendo afligida por uma pandemia. Diariamente, somos confrontados com as notícias de vidas ceifadas em todas as partes do mundo pelo SARS-CoV-2. No contexto brasileiro, a pandemia além de matar, acaba também por, mais uma vez, escancarar as desigualdades que, ao longo dos séculos, tem sacrificado a classe trabalhadora, negando-lhe o acesso a habitação digna, a saneamento básico, a segurança, a educação, a cultura... acesso à vida, enfim!

Com Paulo Freire temos aprendido igualmente a necessidade da conjugação do verbo *esperançar*. Em sua *Canção Óbvia*, ele nos lembra que quem espera na pura espera, vive um tempo de espera vã. Por isso, seguimos no desejo de saber sobre as

crianças e suas infâncias em tempos de pandemia (ESTANISLAU; SARAIVA, 2020) e também onde e como estão crianças e mulheres e suas vidas em tempos de pandemia da Covid-19 no Brasil (GOBBI, PITTO; MELEÁN, 2020). Nesse movimento de encontrar e seguir com as crianças – e também seguir com outros sujeitos que compõem suas infâncias – trazemos conosco as memórias de muitas tramas, os corpos molhados de nossas histórias, de nossas culturas, de nossas teimosias, de nossas transgressões, de nossas rebeldias, de nossos desejos, de nossas saudades. Tessituras que põem em movimento criancistas e criançólogos¹ numa grande ciranda,

Imagem 2: Ciranda de crianças – s/d



Fonte: Acervo pessoal de Adilson de Angelo

Como se fora
Brincadeira de roda (memória)
Jogo do trabalho
Na dança das mãos (macias)
O suor dos corpos
Na canção da vida (história)
O suor da vida
No calor de irmãos (magia)

(Redescobrir, Gonzaguinha)

Tomo como mote para a feitura desse texto a história do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância – NUPEIN, destacando alguns elementos para seguirmos compreendendo a grande contribuição dada pela Professora Ana Beatriz Cerisara (1956-2018) aos estudos e pesquisas concernentes à defesa da educação das crianças pequenas, reconhecendo-as como sujeitos históricos de direitos e de desejos. Para além da licença poética, a palavra “constelação” é trazida para compor o título do texto pela própria imagem de coletivo que ela nos revela. Tomo a ideia de coletivo como grupo de pessoas ou coisas que partilham uma característica comum, compondo um todo homogêneo. Mas, a palavra constelação reveste-se também de grande importância quando pensamos na trajetória de Ana Beatriz Cerisara que, após a sua aposentadoria

¹ Essas expressões nos foram apresentadas por Ana Lúcia Goulart de Faria. “As crianças no seu dia-a-dia, elas se expressam pelo olhar, pelo toque, pela fala, pelo corpo, até pela ‘não expressão’. Aventurar-se neste universo exige dos pesquisadores alguns saberes que os convidam a aliar a função de criançólogos, como denomina Ana Lúcia Goulart de Faria, a criancistas, não só sendo especialistas em crianças, mas tornando-se (ou retomando) uma delas e defendendo seus direitos, suas vontades (COUTINHO, 2001, p.1).

dos trabalhos na academia, como pedagoga que era, seguiu nos estudos e pesquisas dos processos que nos ajudam a compreender a (re)existência humana².

Inicialmente, localizo, de forma bastante sucinta, a história do NUPEIN, rememorando nomes e feitos que marcaram essa trajetória, sobretudo na origem desse coletivo. Sigo apresentando o que, a meu juízo, se constituem referenciais conceituais e metodológicos importantes nesse percurso, sobretudo os que se apresentam como grandes contribuições de Cerisara nos estudos e pesquisas na defesa dos direitos das crianças. Por fim, recupero algumas questões levantadas por essa pesquisadora, quando, diante das questões dos direitos das crianças e na defesa da infância, nos indagava: “por onde anda a Educação Infantil?”.

É importante assinalar que na composição das trajetórias, memórias, ideias, problematizações, fatos e feitos aqui presentes lanço mão da liberdade de construir uma narrativa que precisa de linguagens outras para ser dita. Por isso, não faria sentido seguir nesses escritos sem a presença de algumas imagens de produções e de atores que as produziram. Muito embora reconheça que o texto será socializado em uma revista científica, peço licença para uma transgressão: apresentarei as imagens no corpo do texto sem as informações exigidas pelas normas e técnicas na produção científica. As identificações das imagens estarão no final do texto.

ALGUMAS MEMÓRIAS DOS 30 ANOS DE HISTÓRIA DO NUPEIN

A história nos lembra que o NUPEIN teve a sua origem no Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos (NEE0A6), fundado em 1991, por iniciativa de um coletivo docente do Centro de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – CE-UFSC, nomeadamente as pesquisadoras Ana Beatriz Cerisara e Eloisa AciresCandal Rocha e o pesquisador João Josué da Silva Filho. Nesse movimento inicial, podemos também destacar a participação das pesquisadoras Diana Carvalho de Carvalho, Luciana Esmeraldo Ostetto e Maria Isabel Serrão. É escusado dizer que esse núcleo se completava com a efetiva participação de estudantes da graduação e da pós-graduação, cujos olhares se direcionavam aos espaços coletivos de educação e cuidado das crianças pequenas.

²“Constelação Familiar” é uma abordagem terapêutica, criada pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger - na década de 1970, que busca compreender os padrões de comportamento de grupos familiares através de suas gerações. Na teoria sistêmica trata-se da investigação das relações entre fenômenos, por isso denominou o seu método como fenomenológico por se tratar de “ver” algo acontecendo através de uma frase-tema e um mínimo de informação sobre a pessoa.

Sempre sob a coordenação colegiada de Ana Beatriz Cerisara, Eloisa Rocha e João Josué da Silva Filho, um coletivo de investigação foi sendo desenhado com o objetivo de:

[...] consolidar espaços de reflexão que possibilitem o avanço do conhecimento e o aprofundamento das investigações entre os educadores e pesquisadores que têm desenvolvido seu trabalho em diferentes instituições (Prefeituras, Secretarias de Educação, Universidades, etc.), buscando articular alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em torno das investigações teóricas e das práticas (CERISARA; ROCHA; SILVA FILHO, 2002, p. 203).

Desde a sua origem, o NUPEIN tem buscado seguir nesse endereçamento de estudos e pesquisas sobre a Educação Infantil, possibilitando a produção de conhecimento na área e a definição de indicadores que subsidiem políticas educacionais em diferentes instâncias, contribuindo com a formação inicial e continuada de profissionais para atuar na primeira etapa da Educação Básica.

Toda esta dinâmica empreendida pelo NUPEIN ao longo dessas últimas três décadas, cimenta-se no crescente movimento que se tem procurado construir no Brasil, no que tange aos estudos e as pesquisas da área da educação que tomam por tema explicitamente a infância, a criança ou a Educação Infantil. Diferentes estudos nos informam que “[...] a pesquisa nacional recente tem como um de seus marcos centrais o surpreendente crescimento quantitativo das pesquisas a respeito da educação das crianças (na Educação Infantil, mas não só!), com base nas referências sociológicas, especialmente no âmbito da sociologia da infância.” (ROCHA, BUSS-SIMÃO, 2013, p. 7). Indo além, é possível dizer também que tanto nos campos das teorias que se debruçam sobre “a infância e suas relações com a sociedade (no terreno da História, da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia Social), quanto no campo legal/jurídico (considerando de modo especial o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990)” (KRAMER, 2009, p. 20) podemos identificar as contribuições para um “deslocamento na perspectiva sobre as crianças: de um lugar abstrato, de incompletude, para o lugar de ator social, produtora de cultura e história.” (KRAMER, 2009, p. 22).

Esse movimento de investigar as infâncias e seus processos educativos resulta da instituição de políticas para a infância e para a Educação Infantil, bem como com a expansão da pós-graduação no Brasil (CAMPOS, 2002). Porém, muito embora se possa identificar o aumento do número de pesquisas e trabalhos relativos a essa etapa da Educação Básica, ela ainda é pouco representada no conjunto da produção acadêmica na pós-graduação brasileira. Compõe essa produção os trabalhos afetos aos “grupos ou núcleos de pesquisa se constituem em espaços que promovem o avanço do

conhecimento na área e a conformam, reunindo seus pesquisadores, elegendo temas, abordagens teórico-metodológicas, interfaces etc.” (SILVA, LUZ, FARIA FILHO 2010, p. 84). Por isso, a importância de se ter um “[...] maior conhecimento dos grupos e núcleos de pesquisa que se dedicam às questões da infância, da criança e da educação infantil configura-se como importante estratégia de compreensão dessa área de estudos e pesquisas.” (SILVA, LUZ, FARIA FILHO 2010, p. 84).

É nessa amálgama que o NUPEIN tem se construído ao longo dos últimos trinta anos, buscando: ampliar e aprofundar o conhecimento *com e sobre* as instituições que ofertam Educação Infantil, suas práticas e organização; buscar apoiar a elaboração de políticas para a área, atuando junto a fóruns e associações; subsidiar o trabalho de formação de educadoras e educadores nos diversos níveis: graduação, pós-graduação e formação em serviço; ofertar o acesso a um acervo que contribua com área da educação e infância (NUPEIN, 2008).

Claro está que esse movimento, procurou estabelecer desde a sua gênese uma forte articulação com as redes municipais de ensino, nomeadamente com a Rede Municipal de Florianópolis, promovendo e intensificando o debate em torno da compreensão dos espaços coletivos de educação e cuidado da criança pequena como espaço de vivências das infâncias³. Espaço, portanto, de irrestrita defesa das crianças como sujeitos de direitos. Essa dinâmica figura-se como um imperativo apresentado pela equipe coordenadora do NUPEIN – Ana Beatriz Cerisara, Eloisa AciresCandal Rocha e João Josué da Silva Filho – quando se projetavam as ações de estudos e pesquisa no âmbito da Educação Infantil.

Na atualidade, o Núcleo segue desenvolvendo suas ações de estudos e pesquisas. Merecendo destaque os “Ciclos de Debates sobre Educação Infantil”, como ação extensionista, com encontros sistemáticos abertos à comunidade. Trata-se de ações de formação inicial e continuada de profissionais para e da Educação Infantil (estudantes, professora/es, coordenadora/es pedagógicos, diretora/es) dos sistemas públicos de ensino catarinense, com foco nas especificidades da docência nesta etapa educacional. Igual destaque deve ser dado à divulgação científica de estudos e pesquisas relacionados à infância e seus processos educativos, através da revista *Zero-a-Seis*, editada eletronicamente e com publicação semestral. A revista tem como objetivo: a

³Muitas dissertações e teses sobre a Educação Infantil na Rede Municipal de Florianópolis tiveram o seu ancoradouro no NUPEIN. Conferir:
<http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=catalogo+de+dissertacoes+e+teses++titulos>

divulgação da produção científica sobre a pequena infância de pesquisadores comprometidos com a luta por direitos e conquistas sociais básicas para a educação na infância e que, por meio de um diálogo disciplinar e teórico, contribuam para a consolidação de uma ciência da educação que tem como foco os processos educativos que envolvem as crianças pequenas considerando sua concretude social e cultural (Cf. NUPEIN, ONLINE).

PARA ALÉM DAS GRADES FECHADAS: O ENCONTRO COM AS CRIANÇAS NAS PESQUISAS E NO CHÃO DAS PRÁTICAS

Naquela perspectiva da pesquisa como *autoeducação* (FREIRE, 1988) e *autoconhecimento* (SANTOS, 1987), o movimento do NUPEIN vai nos dizendo que é possível assumir um determinado grau de implicação que o sujeito investigador terá com a realidade sob estudo, tornando-se também parte e parcela deste todo. Este pressuposto reforça a negação da possibilidade de neutralidade diante de qualquer realidade estudada, como se fosse possível revestir quem faz pesquisa com as vestes da imparcialidade e da neutralidade, assegurando um mergulho no universo investigado e saindo dele sem estar molhado das dinâmicas que ali se estabelecem. Antes, porém, faculta-se “uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos une pessoalmente ao que estudamos” (SANTOS, 1987, p. 54).

Trazemos aqui as reflexões de Ana Beatriz Cerisara (2002) sobre o que denominou de *grades fechadas* e que fazem referência “[...] a atitudes de muitos pesquisadores que antes de entrarem em contacto com o seu objeto de investigação já tem pré-determinado todos os recortes que encontrarão” (CERISARA, 2002, p. 1). Muitas destas *grades* construíram-se sob a égide da neutralidade e da objetividade colados à construção do conhecimento científico e têm funcionado como *camisa-de-força* que aprisionam tanto a realidade pesquisada como quem a pesquisa, retendo-o em um pré-determinismo escravizado por uma teorização do conhecimento científico que subverte os espaços dos *desvios*, das *singularidades* e das *subjetividades*. Embora consciente do impasse que se põe ao alinhamento entre a objetividade (entendida como as contradições concretas e objetivas da vida de sujeitos que são socialmente situados) e a subjetividade (entendida como o percurso biográfico e particular de cada sujeito), esta autora prefere a radicalidade e assevera: “[...] o pesquisador, portanto, deve abdicar da falsa posição de neutralidade e objetividade tão decantados como condições

básicas para a realização do trabalho científico e assumir o seu lugar de produção intelectual.” (CERISARA, 2002, p. 5).

Esse posicionamento encontra eco nas reflexões de Sônia Kramer (1996), quando discute a educação como prática social e como terreno mais que fecundo para que o ser humano seja estudado como sujeito que tem voz. E neste sentido o conhecimento que aí se construirá só poderá ser de carácter dialógico, resultante, portanto, do acontecimento, do encontro. A autora, então, vislumbra outras formas de se falar da educação. Assim, acredita que

[...] a neutralidade, a racionalidade científica, a “verdade” da “Ciência” são miragens e, como tal, hipnotizam e nebulizam o olhar crítico que voltamos ao real; cristalizam e emudecem o nosso falar esse real. Penso que é preciso desembaraçar esse olhar, descrystalizar e despertar o nosso falar, tentar enxergar o real e expressá-lo nas suas contradições, na sua ambiguidade, na sua descontinuidade, rompendo com a postura de velar métodos e técnicas como quem vela os mortos (KRAMER, 1996, p. 25).

Ao retomarmos a Paulo Freire (1988) e Boaventura Sousa Santos (1987), podemos dizer que, em certa medida, a perspectiva de Cerisara sobre a relação da pesquisa com as realidades pesquisadas nos leva a pensar que, em uma investigação com os sujeitos e com o mundo, somos impelidos e encorajados a um mergulho na realidade sob a qual nos debruçamos. Trazendo as indagações que a ciência nos põe e o desejo de construir conhecimento na interação dialógica com os diferentes sujeitos que conformam esta mesma realidade. A investigação como possibilidade de *autoeducação* e como possibilidade de *autoconhecimento* torna-se, portanto, um caminho possível de se trilhar. Em se tratando de pesquisar sobre as crianças nas interações com os mundos sociais da infância, significa dizer que é preciso encontrar as crianças e seguir com elas nesse caminho.

Aqui se refuta a possibilidade de análise dos compêndios do NUPEIN, dado a sua vasta produção em dissertações, teses e artigos publicados. Não que o ato não se marcasse por sua importância; mas, não se constitui esse o objetivo central do texto que ora se apresenta.

Mesmo assim, lanço mão da liberdade de escolha e pinço algumas produções que, a meu juízo, podem ilustrar as características da pesquisa do NUPEIN, com as contribuições de Ana Beatriz Cerisara, conforme apresentadas anteriormente.

Inicialmente, faço referência à pesquisa de mestrado de Rosa Batista (1988), intitulada *A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido*⁴. Além de assinalar o início das atividades de orientação científica de Cerisara no Programa de Pós-Graduação da UFSC, a pesquisa acaba por marcar também um movimento que vai caracterizar fortemente as opções teórico-metodológicas do NUPEIN. Nessa pesquisa, Rosa Batista vai encontrar as crianças que, até então – parece-nos – estavam à revelia dos nossos olhares investigativos. Sobre as professoras, os adultos, os documentos, os edificados, a formação, os programas voltados à infância, etc. muitos desses olhares se dirigiam. Mas, Batista nos lembra que há “[...] os meninos e meninas que permanecem na creche de dez a doze horas por dia, sessenta horas por semana, duzentos e quarenta horas por mês, duas mil e quatrocentas horas por ano, durante os primeiros anos de suas vidas” (BATISTA, 1988, p.3).

É possível, portanto, considerar que esse trabalho, na Rede de Florianópolis, marca o encontro das pesquisas em Educação Infantil com as crianças. Consequentemente, põe em articulação pesquisadoras e pesquisadores com os sujeitos infantis que se lhes apresentam em suas interações com os adultos, os espaços e os tempos.

Metodologicamente, o trabalho lançou mão dos registros fílmicos para a recolha de informações sobre o proposto e o vivido cotidianamente nos espaços coletivos de educação e cuidado da criança pequena. Já na observação das primeiras imagens recolhidas, segundo Batista

Foi possível perceber que a dinâmica de um grupo de crianças é maior que a rotina da creche. Embora esta rotina, da forma como estava estabelecida com horários rígidos, exigisse que os adultos colocassem as crianças no ritmo temporal da creche, constatei um movimento contrário das crianças em relação a ela. Entre o que o adulto propunha e o que as crianças realizavam havia um hiato, ou seja, havia um desencontro que se materializava através de ações e reações distintas das crianças, sendo que algumas podiam ser caracterizadas como movimentos de acomodação e outras como movimentos de ruptura (BATISTA, 1988, p. 22).

4 Site com informações completas no Repositório da UFSC:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/77723/139633.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Na esteira desse movimento de encontrar as crianças, podemos também referenciar as pesquisas de mestrado de Alessandra Mara Rotta (2001) e Ângela Maria Scalabrin Coutinho (2002)⁵. Ambas realizadas, também em uma creche pública da Rede Municipal de Florianópolis.

A pesquisa de Oliveira, intitulada *Do outro lado: a infância sob o olhar de crianças no interior da creche*, procurou recolher das crianças os sentidos e as representações sobre o seu viver no interior da instituição. Na perspectiva da ausculta (SARMENTO, 2006; ROCHA, 2010)⁶, a investigadora privilegiou a utilização de diferentes linguagens na produção de informações, nomeadamente: fotografias, filmagens, falas e desenhos de crianças. Reconhecendo, portanto, as crianças como produtoras de linguagem, valorizando as múltiplas formas de expressão.

O estudo depreende, a partir do que dizem as crianças, a existência de uma infância regida “por práticas disciplinares tradicionais do ensino fundamental”. Talvez por isso, as crianças acabam por reivindicar “a necessidade de repensar a arquitetura e o paisagismo das Creches e Pré-escolas”, considerando “a relação das crianças com a natureza circundante” (OLIVEIRA, 2001)⁷.

Ainda sobre esse movimento de encontrar as crianças e, a partir delas, compreender os lugares que as acolhem, Ângela Coutinho realizou a pesquisa *As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação*. Com o desejo de perceber “[...] as ações criativas infantis, nos momentos de educação e cuidado (sono, a higiene e a alimentação)”, a investigadora

⁵Para a feitura desse texto, optou-se por pinçar do trabalho de orientação da Professora Ana Beatriz Cerisara essas pesquisas, pelas questões já apresentadas. Na sua atuação no PPGE-UFSC, Cerisara conduziu a orientação dos seguintes trabalhos: MESTRADO: Fernanda Carolina Dias Tristão. Ser professora de bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada. 2004; Ilona Patricia Freire Rech. A atividade na educação infantil: um estudo a partir de um CEI Público Municipal. 2004; Ancy Bernini Braga. Creche e família: uma relação possível? 2003; Fernanda Carolina Dias Tristão. Trabalhando com bebês: em discussão as profissionais de educação infantil. 2003; Patrícia Demartini. Professoras de crianças pequenininhas: um estudo sobre a especificidade desta profissão. 2003; Ângela Scalabrin Coutinho. As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação. 2002; Rosânia Campos. Entre lutas e sonhos: a formação das professoras leigas da educação infantil. 2001; Andréa Simões Rivero. Da educação pré-escolar à educação infantil: um estudo das concepções presentes na formação dos professores no Curso de Pedagogia. 2001; Alessandra Mara Rotta de Oliveira. Do outro lado: a infância sob o ponto de vista das crianças no interior da creche. 2001; Jodete Bayer Gomes Füllgraf. A infância de papel e o papel da infância. 2001; Sônia Cristina de Lima Fernandes. Grupos de formação - análise de um processo de formação em serviço sob a perspectiva dos professores da educação infantil. 2000; Rosa Batista. A Rotina No Dia A Dia da Creche: Entre O Proposto e O Vivido. 1998. DOUTORAMENTO: Deborah Thomé Sayão. Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo a partir de professores homens na creche. 2005.

⁶ O termo “ausculta o” tem sido utilizado nos Estudos da Infância, nos Estudos da Criança e na Pedagogia da Infância (SARMENTO, 2006; SARMENTO; FERNANDES; TOMÁS, 2007; ROCHA, 2010) para referir o processo de escuta das crianças de maneira mais acurada, nas suas diferentes formas de expressão e nas suas múltiplas linguagens.

⁷Ver: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81742>

lançou mão da observação participante junto a crianças de 1 a 3 anos de idade, com o desejo de “[...] conhecer essas crianças, as suas culturas e as práticas de educação e cuidado desenvolvidas junto a elas”. Mesmo imersas, muitas vezes, em uma dinâmica diferente da que gostariam de estar, a pesquisadora reporta ao fato de que

[...] a criação das culturas de pares, culturas infantis, permite que as crianças vivenciem as suas infâncias num movimento constante de ruptura e acomodação, no qual objetivam romper com a homogeneidade das propostas educativas e vivenciar os diferentes desejos e necessidades que as constituem. (COUTINHO, 2002, p. 8)⁸.

Como já referido anteriormente, desde o seu nascedouro, o NUPEIN procurou articular suas ações também às atividades de ensino de graduação. Nesse sentido, o estágio, enquanto disciplina curricular do Curso de Pedagogia, também foi requerendo uma outra compreensão de docência, de criança, de infância. E aqui, faz-se necessário referenciar a produção do artigo *Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na Educação Infantil* (CERISARA; BATISTA; OLIVEIRA; RIVERO, 2004).

A escrita do texto coaduna-se com a perspectiva freiriana de pensar sobre a prática, movimento que “[...] demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo” (FREIRE, 2002, p. 37). É um texto reflexivo, crítico, criativo, ético, estético e político, escrito por quatro autoras, mas que representa experiências vividas por muitas pessoas envolvidas no exercício da docência para e com as crianças⁹.

Pensando sobre a prática docente, tomando o estágio como ponto de partida, Ana Beatriz Cerisara, Alessandra Mara Rotta de Oliveira, Andréa Simões Rivero e Rosa Batista nos convidam a compreender o movimento da Educação Infantil a partir da necessidade de romper com a visão adultocêntrica de criança (onde o adulto é o centro, modelo a ser seguido) estendendo o olhar ao conjunto das práticas sociais infantis para além de uma visão escolarizante.

Ainda trazemos vestígios de uma pedagogia que, ao longo dos séculos, nas instituições de Educação Infantil tendencialmente centrou o trabalho pedagógico muito mais nas práticas dos adultos do que das crianças. Uma mudança de paradigma que nos aproxima das crianças por elas mesmas pode nos colocar em contato com uma

⁸Ver: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/83136>

⁹Agradeço as interlocuções com a professora Angela Coutinho, em nossas andanças pelo Curso de Pedagogia da UFSC, onde também partilhamos olhares sobre o estágio, tendo esse belo texto como mote para nossas conversas.

Pedagogia da Infância, cujo objeto central é a própria criança nas suas várias dimensões (social, cultural, estética, biológica, psicológica, criativa, intelectual, expressiva, emocional, etc.); Ou, mais especificamente, com uma Pedagogia da Educação Infantil, com o objetivo de delimitar a especificidade do trabalho de forma diferenciada junto às crianças pequenas em espaço coletivos de educação e cuidado, “[...]cujas práticas sociais são distintas das práticas domésticas, escolares e hospitalares” (CERISARA; BATISTA; OLIVEIRA; RIVERO, 2004).

Como já dito em outro momento, a nossa opção é partir da ideia de que uma pedagogia da Educação Infantil é um movimento que já se encontra assinalado em diferentes dimensões (DE ANGELO, 2007). Os estudos desenvolvidos por Rocha (2000), no sentido de discutir as possibilidades de desenvolvimento de uma pedagogia própria para a Educação Infantil, justificam essa ideia. Valendo-se da análise de um significativo conjunto de construções teóricas sobre as perspectivas de consolidação desta vertente da pedagogia, a autora identifica determinados sinais que “[...] permitem afirmar a possibilidade e o nascimento de uma pedagogia da Educação Infantil que passa a analisar criticamente o real, a partir de uma reflexão sistemática que ganha corpo, procedimentos e conceituação próprias.” (ROCHA, 2000, p. 62).

Nesta afirmação da autora podemos ver contidos quatro pontos distintos e interligados e que se apresentam como cruciais à continuidade do debate sobre uma pedagogia para a educação das crianças pequenas. O primeiro deles é a afirmação de que uma pedagogia específica para a Educação Infantil é *algo possível*, viável, com uma razão de ser; sendo possibilidade, não se configura como devaneio teórico ou vontade irresponsável ou caprichosa de investigadores e/ou de profissionais que atuam no terreno. Seguidamente, há a confirmação de que esta especificidade pedagógica já tem o seu *nascimento assinalado* na história da pedagogia, sendo possível abalizar a sua presença no mundo da educação, percebendo os seus sinais de existência. O terceiro ponto que entendemos ser importante ressaltar é que esta pedagogia possível, já assinalada como existente, tem também um sentido muito próprio que é ter em conta a importância de considerar criticamente a realidade da criança. E, finalmente, somos informados de que este movimento possível é subsidiado por uma reflexão continuada e organizada que lhe dá *corpo, procedimentos e conceitos próprios*.

Em súplica, a Pedagogia da Infância nos convoca a reconhecer que as crianças “[...] são sujeitos completos em si mesmos, que pensam, se expressam criativamente e criticamente sobre o espaço institucional onde são educadas e cuidadas. São sujeitos conscientes de sua condição e situação e se expressam de múltiplas formas”

(CERISARA; BATISTA; OLIVEIRA; RIVERO, 2004) p. 03). Por isso é preciso considerar e valorizar os direitos das crianças, reconhecendo a sua capacidade de se expressar sobre seus próprios vividos dentro e fora das instituições de Educação Infantil. É necessário considerar também as crianças como ponto de partida (e de chegada) para a organização do trabalho pedagógico, respeitando modo pelo qual os sujeitos infantis constroem sua própria cultura.

Ainda sobre o estágio, as autoras afirmam que o seu principal foco deverá ser as crianças e suas relações, na perspectiva de provocar a reflexão e a compreensão em torno da necessidade de se observar as crianças, para que se tenha elementos contextualizados para as proposições (que dependerão da articulação com uma série de outros elementos). Por isso, os princípios que regem o estágio deverão pautar-se sobre: Consideração das instituições de Educação Infantil como espaço de produção de pesquisa, conhecimento e aproximação dos universos infantis; Visualização e qualificação dos modos de viver criativa e intensamente a infância; Rompimento com um estágio de caráter normativo, prescritivo e aplicativo, dando ênfase ao questionamento sobre o cotidiano das instituições tendo como foco o olhar das crianças pequenas.

Em termos metodológicos, o estágio deverá pautar-se sobre *os saberes* das crianças, das estagiárias e estagiários, das professoras e professores das crianças e as orientadoras e orientadores do estágio.

Os estagiários e professores, agindo como pesquisadores, partilhariam suas impressões sobre a realidade captada, descobrindo diferentes olhares sobre uma mesma situação, e talvez formassem diferentes proposições para ampliar os repertórios culturais dos grupos infantis de forma individual e coletiva. Este processo envolve a construção de um espaço efetivo de compartilhamento de diferentes olhares e saberes sobre as crianças pequenas (CERISARA; BATISTA; OLIVEIRA; RIVERO, 2004).

Essas ideias fazem eco nas problematizações apresentadas por Rocha e Ostetto (2008), quando nos dizem que:

[...] as estagiárias, profissionais em formação, experimento o papel de pesquisadoras, exercitando sua capacidade de ler a realidade, para visualizar particularidades e necessidades coletivas. Pesquisando, desenvolvendo formas de observação do cotidiano e do grupo de crianças com qual estão interagindo poderão, então, no processo coletivo de reflexão, arriscar propostas e alternativas de encaminhamento (ROCHA; OSTETTO, 2008, p. 107).

Assim, podemos confirmar que

[...] O estágio não apresenta um caráter aplicativo, prescritivo e normativo das práticas de educação e cuidado das crianças de zero a seis anos. Ao contrário, abre-se como possibilidade, para as educadoras em formação, de exercitar o olhar

e experimentar ver além do aparente, na complexa configuração do cotidiano infantil. Para além de uma programação de atividades e organização de rotinas, o plano de ação pedagógica constitui-se numa dinâmica permanente de sistemáticas intervenções e reposituições pautadas no contínuo processo de investigação do universo infantil (ROCHA; OSTETTO, 2008, p. 105).

Como não podia deixar de ser, diferente, as autoras finalizam o “Partilhando olhares” com a alusão a uma bela imagem:

Imagem 3: Pulando Carniça - 1951



Fonte: Caixa Cultural Fortaleza

Finalmente, gostaríamos de salientar que estas reflexões sobre o Estágio têm o propósito de colaborar para que os professores das instituições e os estagiários, partindo de suas próprias compreensões, comecem a pensar na proposição de uma Pedagogia da Infância, pedagogia esta que garanta o direito à infância, mas não a qualquer tipo de infância, e sim a uma “infância inteira, aberta e solta como aquela com a qual Portinari nos presenteou”¹⁰ na obra “O menino” (CERISARA; BATISTA; OLIVEIRA; RIVERO, 2004, p. 6-5).

E, outra vez, somos alertados sobre a urgência de:

Uma proposta de buscar as vozes, os jeitos de ser das crianças pequenas e suas impressões sobre a vida vivida (considerando as dimensões e relações humanas, espaciais e culturais que interferem nesse viver) durante as duas mil e quatrocentas horas por ano que passam nas instituições de Educação Infantil se faz mais instigante e necessária” (CERISARA; BATISTA; OLIVEIRA; RIVERO, 2004).

Nesse movimento de “busca” das crianças do seu reconhecimento como “[...] sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere” (BRASIL, 2009), as reflexões tecidas por Cerisara vão se aproximando e, conseqüentemente, também nos aproxima da necessidade de diálogos com outros campos do conhecimento. No movimento da consolidação da Pedagogia da Infância, esse diálogo tem sido bastante necessário e frutuoso, mas é importante destacar que não se trata da subserviência dessa a outros campos do conhecimento. Importa referir também a importância da produção dos estudos da infância no contexto brasileiro que se põe em diálogo e na

¹⁰ Muito embora o texto original não identifique a autoria desse excerto, sabemos o mesmo se apresenta em Rocha (ROCHA, 1999, p. 170).

articulação com a produção de conhecimento gerados em outros contextos nacionais (FARIA, FINCO, 2011; SANTOS, 2012; DE ANGELO, 2013).

Nesse sentido, as aproximações a outros campos do conhecimento (à Sociologia da Infância, em particular) têm permitido romper com olhares, até então cristalizados, sobre as crianças nos espaços educativos como meras depositárias de práticas ritualísticas que caracterizam ambientes domésticos, escolares ou hospitalares. No NUPEIN, esse movimento foi considerado por Cerisara (2004) como importante para o rompimento com práticas exclusivas de pesquisas que não lhes permitiam, efetivamente, conhecer as crianças, seus contextos e modos de vida, o que fazem e como brincam... enfim: Como vivem as suas infâncias.

Conhecer as crianças e suas infâncias são processos importantes na proposição de indicadores de práticas pedagógicas que se coadunam com uma Educação Infantil que se centra no respeito aos direitos fundamentais das crianças.

A publicação conjunta organizada por Manuel Jacinto Sarmento e Ana Beatriz Cerisara – *Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação* (2004) -, explicita esse processo vivido pelo núcleo de pesquisa. Nas palavras dos seus organizadores, na Nota de Apresentação:

Imagem 4: capa do livro



Esse livro é fruto de encontros entre pesquisadores portugueses e brasileiros que trabalham universitariamente no campo da educação. O encontro das palavras que os unem, mesmo quando diversas, corresponde à partilha de referenciais mais fundos. Apesar de distantes geograficamente, encontram-se próximos em torno das suas preocupações, desejos e utopias por um mundo em que as crianças possam viver de forma digna, como seres humanos capazes, competentes, activos, nas instituições que contemporaneamente partilham com as famílias a tarefa de educá-las (SARMENTO; CERISARA, 2004, p. 7).

Fonte: do autor.

Nessa publicação Cerisara apresenta de forma mais detalhada esse movimento, a partir do artigo intitulado “Em busca do olhar das crianças nas pesquisas educacionais: Primeiras aproximações” (CERISARA, 2004). No referido texto, é possível identificar algumas das pesquisas aqui já referenciadas, cuja realização foi tradutora desse desejo

de conhecer as crianças por elas mesmas, a partir de suas brincadeiras e de suas interações com seus pares e os adultos que compõem os espaços e os tempo na Educação Infantil.

[...] ao destacar aspectos de tais trabalhos de pesquisa quisemos demonstrar o quanto já avançamos na compreensão da Educação infantil como espaço próprio do fazer educativo, mas também o quanto ainda temos em compreensão e impasses, entretanto é na perspectiva que essas pesquisas têm dedicado que colocamos as nossas maiores esperanças (CERISARA, 2004).

No diálogo com a Sociologia da Infância, as pesquisas no âmbito da Educação Infantil vão refinando o seu olhar, no sentido de buscar a criança (e encontrá-la!) nas “culturas infantis, culturas de pares, cultura da infância, categoria geracional” e também como “sujeito de direito, ator social” (SANTOS, 2012, p. 237).

Mas, segundo Cerisara, o encontro com esse olhar precisa se espriar em outras relações. E tomando a possibilidade de articulação das pesquisas com os processos de formação, informa que

[...] essa constatação leva-nos a refletir que, se quisermos melhorar os serviços educacionais para infância, necessitamos contemplar uma maior articulação entre os processos de investigação e os processos formativos dos professores temos claro que as pesquisas realizadas nessas instituições só fazem sentido na medida em que de fato possam contribuir para a melhoria do trabalho realizado junto dos meninos e meninas que frequentam creches e pré-escolas públicas. Essa conclusão aponta para a importância do processo de valorização dos profissionais responsáveis pela organização e pela ação educativa, tendo necessariamente consequências no esforço de envolvimento dos mesmos no processo de reflexão sobre sua própria prática e formação. As pesquisas, cujo foco foram as crianças e as culturas infantis, revelam a necessidade e importância de todos os profissionais envolvidos com a educação infantil conhecerem as crianças e educarem para captar os seus jeitos de ser das mesmas (CERISARA, 2004, p. 49).

Compondo o processo de problematizar as questões sobre a educação das crianças pequenas, outras e diferentes frentes de pesquisa vão se abrindo. Nesse sentido, considerando o grande impacto que causou a distribuição do *Referencial Curricular para a Educação Infantil em todo o país*, Cerisara organizou e coordenou uma pesquisa que buscou analisar um conjunto de pareceres sobre a versão preliminar do *Referencial* (CERISARA, 2007). *Anteriormente a essa pesquisa, ao acompanhar os desdobramentos políticos na área*, Cerisara ressaltava a importância de se considerar que

[...] falar em educação infantil no Brasil implica fazer uma retrospectiva desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996. Isso porque foi a partir das deliberações encaminhadas nessas duas

leis e das suas consequências para a área que os desafios e as perspectivas têm sido colocados (CERISARA, 2002, p. 327).

Assim, a produção e distribuição de um documento à revelia do que apontava e desejava a área da Educação Infantil, embora se estivesse apresentando uma versão melhorada do mesmo, constituía uma ruptura com o que vinha sendo produzido e com o que vinha sendo defendido como a especificidade da Educação Infantil (CERISARA, 2007, p. 44).

Mas, é importante lembrar que a proposição de um documento nesses moldes não era consenso dentro da área. Se por um lado houvesse questionamentos sobre os perigos de se ter um documento que pudesse enquadrar a educação das crianças brasileiras, com suas infâncias tão diversas, por outro se considerava:

[...] o documento apresenta os tópicos fundamentais para a composição de um referencial para a educação: elaborado por especialistas de renome nacional e internacional; incorporando propostas nacionais e de outros países; e ainda oferecendo idéias que visam contribuir para o surgimento de uma nova proposta para o cotidiano da educação infantil (PALHARES; MARTINEZ, 2007, p.8).

Decorreu daí a necessidade de continuar fomentando a discussão trazendo novas informações advindas de pesquisas realizadas sobre o documento e o seu processo de feitura. Um dos principais focos dessa discussão era a necessidade de que se garantisse que todo e qualquer documento fosse “representativo das concepções mais recentes na área e que viesse a significar um avanço e não um retrocesso para a qualidade do trabalho a ser realizado com meninos e meninas menores de 7 anos em creches e pré-escolas.” (CERISARA, 2007, p. 20).

É PRECISO SEGUIR BORDANDO RESISTÊNCIA PARA VELHAS E NOVAS CANÇÕES ÓBVIAS

Em outro momento, ao analisar a conjuntura política-educacional da época (estamos a falar do final da década de 1990, no pós-LDB) Cerisara no texto *Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil?*, nos convoca:

Entendo que a especificidade do atual momento histórico está a exigir um esforço coletivo de todos aqueles que estão direta ou indiretamente envolvidos com a Educação Infantil, em especial, e com educação pública em geral, no sentido de tentar compreender a atual conjuntura para que possamos nos instrumentalizar para enfrentarmos desafios e dilemas que já estão colocados e os que estão por vir (CERISARA, 1999, p. 12).

A atualidade do chamamento da autora marca-se de forma bastante acentuada, sobretudo porque temos contatado hodiernamente com questões que nos mobilizam na

defesa de uma educação de pública, laica e de qualidade. Mormente, nesses tempos em que projetos políticos em todos os contextos têm agravado a situação da educação de um modo geral e da educação da pequena infância de modo particular.

Em função dessas realidades, a autora apresenta um conjunto de três desafios para o campo da Educação Infantil que, naquela altura, eram realidades a serem enfrentadas. O primeiro deles aparece em forma de questionamento: “Como transformar as instituições de Educação Infantil em um nível de ensino, sem que elas reproduzam ou tragam para si as práticas desenvolvidas no ensino fundamental?”. O segundo desafio também se prende às questões da especificidade da Educação Infantil, referentes ao binômio “educar e cuidar”. Completando a tríade, a questão da “formação” do quadro profissional para a atuação juntos às crianças nas creches e pré-escolas (CERISARA, 1999, p. 13-18).

Sobre o primeiro desafio, Cerisara toma por pressuposto que as unidades educativas podem “[...] realizar um trabalho contemplando e priorizando os processos educativos que envolvem as crianças como sujeitos *da* e *na* cultura com suas especificidades etárias, de gênero, de raça, de classe social” (CERISARA, 1999, p. 13). E prossegue orientando que:

Para enfrentar este desafio é preciso ter claro que o trabalho junto às crianças em creches e pré-escolas não se reduz ao ensino de conteúdos ou disciplinas, ou de conteúdos escolares que reduzem e fragmentam o conhecimento, mas implica trabalhar com as crianças pequenas em diferentes contextos educativos, envolvendo todos os processos de constituição da criança em suas dimensões intelectuais, sociais, emocionais, expressivas, culturais, interacionais (CERISARA, 1999, p. 15).

Referente ao segundo desafio, a autora nos lembra que questões históricas acabaram por dicotomizar ou hierarquizar os termos educar e cuidar, sobretudo na Educação Infantil.

Este desafio está, acima de tudo, estreitamente ligado às relações creche-famílias, que precisam ser enfrentadas urgentemente no sentido de explicitar qual o papel que estas duas instituições devem ter no atual contexto histórico, a fim de que as professoras de Educação Infantil e as famílias - pais e mães das crianças - possam assumir suas responsabilidades com maior clareza dos seus papéis que, mesmo sendo complementares um em relação ao outro, são diferentes e devem continuar sendo. (CERISARA, 1999, p. 16). O terceiro desafio centra-se nas questões da formação, uma vez que, à época, grande parte das profissionais e dos profissionais que atuavam na Educação Infantil, necessariamente não possuíam formação específica para atuar com bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas em creches e pré-escolas.

Dizer da atualidade dessas questões, passados mais de 20 anos da publicação do texto, não é nenhum exagero. Ainda somos bastante confrontados com a necessidade de afirmação da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, conforme prescreve o Art. 5º das Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009, p. 19). Sobretudo nesses tempos sombrios e de perdas de direitos já garantidos, da retomada dos projetos de creches domiciliares, do *homeschooling*, do sistema de *voucher* na educação infantil, etc., talvez devêssemos juntar uma outra questão àquela apresentada por Cerisara: Como garantir a (re)existência das instituições de Educação Infantil tendo em vista o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade?

Podemos seguir dizendo que, nesse desafio:

A dimensão do cuidado, no seu caráter ético, é assim orientada pela perspectiva de promoção da qualidade e sustentabilidade da vida e pelo princípio do direito e da proteção integral da criança. O cuidado, compreendido na sua dimensão necessariamente humana de lidar com questões de intimidade e afetividade, é característica não apenas da Educação Infantil, mas de todos os níveis de ensino. Na Educação Infantil, todavia, a especificidade da criança bem pequena, que necessita do professor até adquirir autonomia para cuidar de si, expõe de forma mais evidente a relação indissociável do educar e cuidar nesse contexto. A definição e o aperfeiçoamento dos modos como a instituição organiza essas atividades são parte integrante de sua proposta curricular e devem ser realizadas sem fragmentar ações (BRASIL, 2009, p. 10).

Não podemos nos isentar da defesa de uma formação qualificada, quer inicial ou continuada, como pressuposto básico para uma Educação Infantil de qualidade. Aprimorar as suas práticas, refletir sobre elas, “desenvolver a si e a sua identidade profissional no exercício de seu trabalho” é um direito das profissionais e dos profissionais que atuam com as crianças de pouca idade.

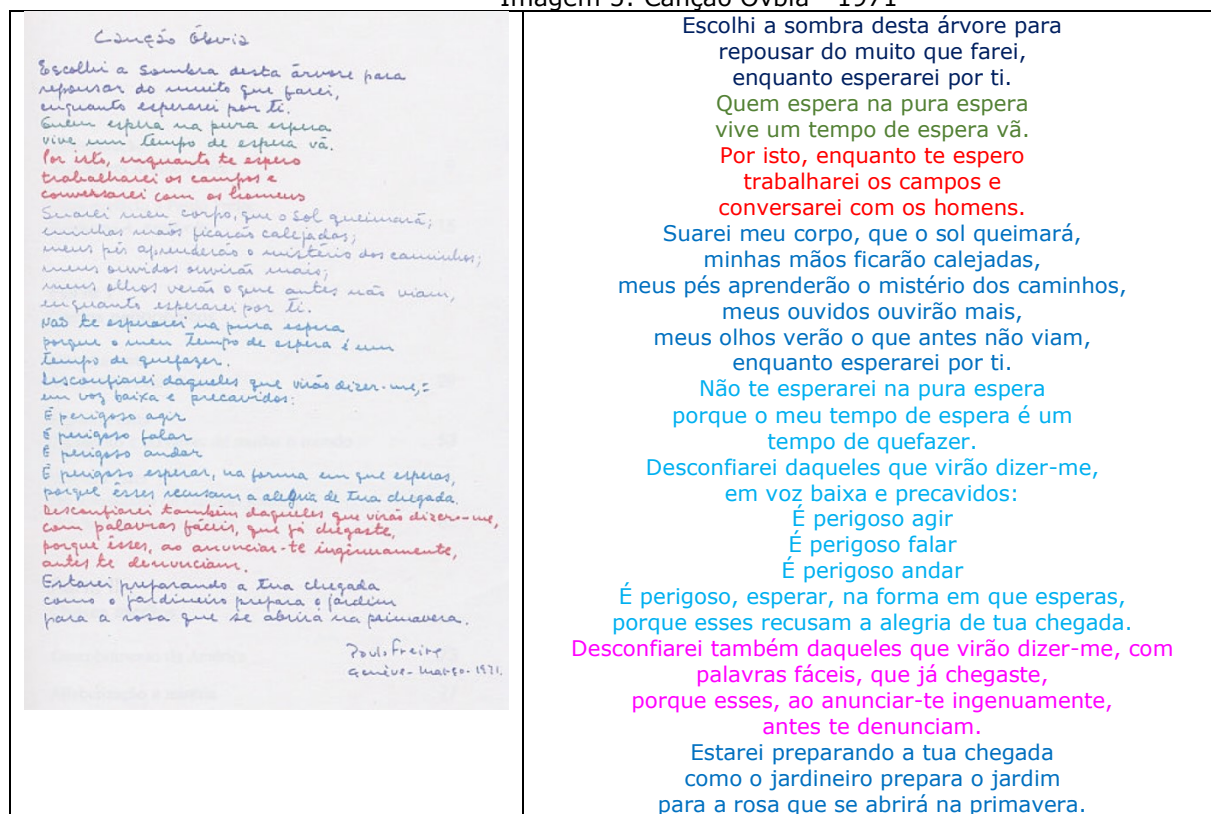
Mas, como seguir no enfrentamento desses desafios em tempos tão nebulosos? Como preciso seguir bordando resistência para velhas e novas canções óbvias? Como não perder o tino do poeta quando nos diz: “Faz escuro, mas eu canto / porque a manhã vai chegar”¹¹?

Evoco também, como no início do presente texto, a Canção Óbvia de Paulo Freire (FREIRE, 2000), escrita no exílio, em 1971, quando ele nos diz do *esperançamento* como

¹¹ Faz escuro, mas eu canto, / porque a manhã vai chegar. / Vem ver comigo, companheiro, a cor do mundo mudar. Vale a pena não dormir para esperar / a cor do mundo mudar. / Já é madrugada, / vem o sol, quero alegria, / que é para esquecer o que eu sofria. / Quem sofre fica acordado / defendendo o coração. / Vamos juntos, multidão, / trabalhar pela alegria, / amanhã é um novo dia. Do poeta amazonense de Thiago de Mello.

condição primordial para seguirmos resistentes e enfrentando os desafios que as realidades nos impõem:

Imagem 5: Canção Óvbia - 1971



Fonte: Freire, Paulo. Pedagogia da Indignação. São Paulo: UNESP, 2000.

Ana Beatriz Cerisara segue nos convidando a bordar resistências, por que

[...] é possível constatar o quanto o atual momento histórico está a exigir que todos os envolvidos com a área da Educação Infantil, independentemente de suas funções, assumam a tarefa de contribuir para a construção de uma Educação Infantil que respeite os direitos fundamentais das crianças pequenas brasileiras (CERISARA, 1999, p. 20).

Temos procurado cumprir nessa tarefa, com quem faz um belo bordado. Ana Beatriz Cerisara, que marcou a minha trajetória acadêmica através da sua produção sobre as crianças e sua educação, me marcou também através da sua arte. Nunca consegui dissociar os seus escritos dos seus bordados. A agulha sulcando a trama do tecido. A linha lavrando o linho, deixando um rastro de colorida poesia. As cenas cotidianas que agora ela retratou estão repletas de infâncias e crianças. Os seus bordados sempre são um bom mote para enriquecer as discussões sobre a infância como um tempo de direito de as crianças serem crianças.

Foi assim que, em 2017, a quando da realização do V Colóquio Diálogos Freirianos, cuja a temática foi “Infâncias e o direito à cidade”, utilizamos a imagem de um de seus bordados¹² no material de divulgação do evento.

Sobre a experiência de viver a cidade e natureza que a compõe, Freire narra:

Imagem 6: Cartaz do V Colóquio Diálogos Freirianos, 2007



Antes de Cristina, no meu primeiro momento de exílio, o do Chile, após dois meses na Bolívia, tive outra correspondente, Nathercinha, prima de Cristina. Compartilhei com ela o espanto e a alegria de criança, em que de novo me tornava, quando vi, pela primeira vez, a neve em Santiago, nas proximidades da cordilheira onde morávamos, mas também quando fui para a rua com meus filhos para “meninizar-me”, fazendo bolas de neve e expondo-me inteiro à brancura que caía em flocos sobre a relva, sobre meu corpo tropical (FREIRE, 1994, p. 28).

Fonte: Acervo do laboratório de Educação e Infância – Laborei (UDESC)

E o que ela também amava era bordar. Bordando, ela...

“[...] Fazia crianças [...] uma menina fazendo coisas de barro, um menino descansando, uma menina contente, uma menina vendo se ia chover... Muito mais, muito mais. Pequenas formas que nada significavam, mas que eram na realidade misteriosas e calmas. Às vezes, alta como uma árvore alta, mas não eram árvores, não eram nada... Às vezes, um pequeno objeto de forma quase estrelada, mas sério e cansado como uma pessoa. Um trabalho que jamais acabaria, isso era o que de mais bonito e atento ela já soubera. Pois se ela podia fazer o que existia e o que não existia! [...] Ela observava: mesmo bem acabados, eles eram toscos como se pudessem ainda ser trabalhados. Mas vagamente, ela pensava que nem ela nem ninguém poderia tentar aperfeiçoá-los sem destruir sua linha de nascimento. Era como se eles só pudessem se aperfeiçoar por si mesmos, se isso fosse possível.” (Clarice Lispector - Os bonecos de barro¹³).

12 A imagem utilizada no cartaz do colóquio é a reprodução da obra “Serenata em Santo Antônio de Lisboa”, acervo particular da professora Olga Celestina Durand. Outros bordados de Ana Beatriz Cerisara também foram utilizados no contexto acadêmico: a capa da publicação organizada pelas professoras Sônia Kramer e Eloisa Rocha – Educação Infantil - Enfoques Em Diálogo (2011) e a capa da Revista Linhas – UDESC - volume 19, número 40 - Avaliação e Currículo em Educação Infantil: Diálogos entre Itália e Brasil (2018).

¹³Esse texto foi publicado revista Nordeste, edição 2, de julho de 1960, Recife/PE, e consta no romance *O lustre*, publicado em 1946.

Imagem 7: Anabea Bordadeira, s/d



Fonte: Acervo pessoal de Adilson de Angelo

Sônia Kramer e Eloisa Rocha – Educação Infantil - Enfoques Em Diálogo (2011) e a capa da Revista Linhas – UDESC - volume 19, número 40 - Avaliação e Currículo em Educação Infantil: Diálogos entre Itália e Brasil (2018).

AINDA SOBRE HISTÓRIA E MEMÓRIA

Certa feita, em uma das minhas andanças por aí, em um assentamento do Movimento Sem Terra escutei uma camponesa da reforma agrária dizer: “quando alguém nos deixa, sua história passa a ser memória”.

Para finalizar, gostaria de partilhar um momento que se tornou muito especial para mim. Em março de 2018, realizou-se na Universidade de Brasília o “Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância no Brasil”. Nessa ocasião eu a professora Maria Letícia do Nascimento (FE-USP), solicitamos à coordenação do evento um breve momento para rendermos uma homenagem à história e à memória de Ana Beatriz Cerisara, em reconhecimento à sua contribuição no campo dos estudos da Educação Infantil. Geralmente, honramos as pessoas que partiram dessa existência com um minuto de silêncio. Mas, em Brasília, todo o auditório de pé, saudou a história e a memória de Ana Beatriz Cerisara com uma longa salva de palmas.

Palmas para você, Bea!!!

Imagem 8: Ana Beatriz Cerisara sendo homenageada como Parainfante da Turma de Pedagogia – UFSC, 1997



Fonte: Acervo pessoal de Andreia Simões Rivero

Imagem 9: Ana Beatriz Cerisara e suas orientandas – s/d



Fonte: Acervo pessoal de Andreia Simões Rivero

Imagem 10: Ana Beatriz Cerisara e Andreia Simões Rivero – UFSC, 1997



Fonte: Acervo pessoal de Andreia Simões Rivero

Imagem 11: Na Anped Nacional – início dos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Ângela Coutinho

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá

É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar
É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração
(Gonzaguinha, Caminhos do Coração)

Imagem 12: Ana Beatriz Cerisara no Infância em Tela – LABOREI-UDESC - 2017



Fonte: Acervo pessoal de Adilson De Angelo

Imagem 13: Encontro de amigas na Ilha de Santa Catarina - 2017



Fonte: Acervo pessoal de Adriana Alves da Silva

REFERÊNCIAS

BATISTA, Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche**: entre o proposto e o vivido. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

CERISARA, Ana Beatriz. A produção acadêmica na área da educação infantil com base na análise de pareceres sobre o referencial curricular nacional da educação infantil: primeiras aproximações. *In*: FARIA, A. L. G. de PALHARES, M. S. (Orgs.). **Educação Infantil pós - LDB**: rumos e desafios. Campinas: Autores Associados, 2007. 6. Ed, p. 19-50.

CERISARA, Ana Beatriz. Das grades fechadas à casa vazia: reflexões em torno da Investigação em Educação". **Revista Ibero Americana de Educação** - Espanha, 2002.

CERISARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 17, n. especial, p. 11-21, jul./dez. 1999.

CERISARA, Ana Beatriz. Em busca do ponto de vista das crianças nas pesquisas educacionais: primeiras aproximações. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto.; CERISARA, Ana Beatriz. (Orgs.). **Crianças e Miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Edições ASA: Porto/Portugal, 2004, p. 35-54.

CERISARA, Ana Beatriz. O Referencial curricular nacional para a educação infantil no contexto das reformas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.23, n.80, p. 326-345, set./2002.

CERISARA, Ana Beatriz. Por uma pedagogia da educação infantil: desafios e perspectivas para as professoras. *In*: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SP. Caderno Temático de Formação II – **Educação Infantil**: construindo a Pedagogia da Infância no município de São Paulo. São Paulo: SME-SP, 2004. p. 7-16.

CERISARA, Ana Beatriz; BATISTA, Rosa; OLIVEIRA, Alessandra M. R. de; RIVERO, Andréa Simões. Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil. *In*: **12º Encontro Nacional de Prática de Ensino (ENDIPE)**, Curitiba. Conhecimento Local e Conhecimento Universal. CD Room. 2004.

CERISARA, Ana Beatriz; ROCHA, Eloisa AciresCandal; SILVA FILHO, João Josué da. Educação Infantil: uma trajetória de pesquisa e indicações para avaliação de contexto educativo. *IN* OLIVEIRA-FORMOSINHO e KISHIMOTO. **Formação e contexto: uma estratégia de integração**. São Paulo: Pioneira, 2002.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. Infância e diversidade: as culturas infantis. *In*: **24a Reunião Anual de Pós-graduação e Pesquisa em Educação**, 2001, Caxambu - MG. Anais. Petrópolis: Vozes, p. 1-9, 2001.

DE ANGELO, Adilson. Da Sociologia da Infância no Brasil e seus diálogos com a Educação Infantil: uma entrevista com Daniela Finco. **PerCursos**, p. 219-226, 2013.

DE ANGELO, Adilson. **Os meninos e as meninas fizeram um belo balão:** contribuições do pensamento de Paulo Freire para uma leitura de mundo da educação da infância. Recife: Bagaço, NUPEP, 2007.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2011.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) **Pesquisa Participante.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina:** reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 24ª Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação.** São Paulo: UNESP, 2000.

GOBBI, Marcia Aparecida; PITO, Juliana Diamante; MELEÁN, Simone Maria MAGALHÃES. Crianças e mulheres e nós-nada: Reflexões a partir das vidas em despejo no acampamento campo grande do MST. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. v. 22, n. Especial, p. 1255-1280, dez./dez., 2020.

KRAMER, Sônia. **Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica:** Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas Para A Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.

KRAMER, Sonia; JOBIM E SOUZA, Solange. Experiência humana, história de vida e pesquisa: Um estudo da narrativa, leitura de professores. In: KRAMER, Sonia; JOBIM E SOUZA, Solange (Orgs.). **Histórias de Professores:** Leitura, escrita e pesquisa em educação. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LACERDA, Nathercia. **A casa e o mundo lá fora:** cartas de Paulo Freire para Nathercinha. Rio de Janeiro: ZIT, 2016.

NUPEIM. In: **Apresentação.** Florianópolis: UFSC, 2021. Disponível em: <<https://nupein.ced.ufsc.br/apresentacao/>>. Acesso: 27 de fev. de 2021.

PALHARES, Marina Silveira. MARTINEZ, Cláudia Maria Simões. A educação infantil: uma questão para o debate. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (Orgs.). **Educação Infantil pós - LDB:** rumos e desafios. Campinas: Autores Associados, 2007, 6. ed., p.5-18.

ROCHA, Eloísa AciresCandal. A pedagogia e a educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 16, jan/abr 2001.

ROCHA, Eloisa AciresCandal. **A pesquisa em educação infantil no Brasil:** trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Porto Editora. 1987.

SANTOS, Maria Walburga dos. Crianças no tempo presente: a sociologia da infância no Brasil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 235-240, Agosto 2012.

SANTOS, Solange Estanislau dos; SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. O ano que não tem fim: as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas de infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (orgs.) **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Edições Asa, 2004, 9-34.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Conhecer a infância**: os desenhos das crianças como produções simbólicas. Braga: IEC/Uminho, 2006. (Digital Format).

SARMENTO, Manoel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMÁS, Catarina. Políticas públicas e participação infantil. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 183-206, 2007.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da; FILHO, Luciano Mendes de Faria. Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 43, pp.84-198, jan./abr. 2010.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

CONSTELAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NOS ESTUDOS E PESQUISAS NA DEFESA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS: AS CONTRIBUIÇÕES DE ANA BEATRIZ CERISARA NA TRAJETÓRIA DO NUPEIN

Theoretical-Methodological constellations in studies and researches in the defense of children's rights: the contributions of Ana Beatriz Cerisara in the Nupein

Adilson De Angelo

Departamento de Pedagogia - FAED
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Florianópolis, Brasil

adilsondeangelo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED
Av. Madre Benvenuta, 2007. Bairro Itacorubi. 88035-901 – FLORIANÓPOLIS – SC. BRASIL

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais à Eloisa Rocha, Angela Coutinho, Rosa Batista, Andreia Rivero e Ricardo Moraes.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: A. De Angelo.

Coleta de dados: A. De Angelo

Análise de dados: A. Angelo

Discussão dos resultados: A. De Angelo

Revisão e aprovação: A. De Angelo

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 01-04-2021 – Aprovado em: 08-07-2021